

“Para que se manifestem as obras de Deus”

(9:1–5)

Bruce McLarty

Será que a vida não passa de um grande acidente, um enorme jogo de sorte? Questionar por que acontecem certas coisas em nossas vidas é uma atitude que se repete sempre. Já foi tema de clássicos do cinema e da literatura e é uma pergunta feita por pessoas da vida real, especialmente em momentos de tragédia e perda. No texto desta lição, João 9:1–5, Jesus ofereceu uma abordagem única para responder essa indagação.

A PERGUNTA (9:1, 2)

Um dia Jesus estava andando com os discípulos nos arredores do templo de Jerusalém, quando passou por um mendigo que era cego de nascença (9:1). Se esse era um mendigo típico, provavelmente estava sujo, com as roupas aos farrapos e vivia desesperadamente sem perspectiva. Jesus e os discípulos viram mendigos todos os dias em que estiveram em Jerusalém, mas, por alguma razão, a visão daquele homem que era cego de nascença fez os discípulos lançarem uma pergunta especial a Jesus, naquela ocasião.

Eles queriam saber por que, segundo Jesus, aquele mendigo nascera cego (9:2). Seria por causa dos pecados do próprio homem ou por causa dos pecados de seus pais? No raciocínio deles, o sofrimento sempre era causado por um pecado. Conseqüentemente, os pecados de alguém deviam ter causado a cegueira do homem. Seria o pecado dele mesmo? Nesse caso, então, por que ele *nasceu* cego? Com certeza, uma criança recém-nascida não podia ser culpada de um pecado que resultasse em cegueira.

Seriam os *pais* dele que pecaram? Talvez, mas se foi assim, por que então o filho era o único que estava sofrendo?

A pergunta dos discípulos tinha raízes na crença de que o pecado gera sofrimento, e que existe uma relação causa-e-efeito entre o pecado e o sofrimento. Esse ponto de vista era comum no passado. Um dos amigos de Jó, que foram até ele e lamentaram com ele a perda de seus filhos, suas riquezas e sua saúde, disse o seguinte a Jó:

Lembra-te: acaso, já pereceu algum inocente?
E onde foram os retos destruídos?
Segundo eu tenho visto, os que lavram a
iniquidade
e semeiam o mal,
isso mesmo eles segam.
Com o hálito de Deus perecem;
e com o assopro da sua ira se consomem.
Cessa o bramido do leão e a voz do leão feroz,
e os dentes dos leõezinhos se quebram.
Perece o leão, porque não há presa,
e os filhos da leoa andam dispersos
(Jó 4:7–11).

Um conceito semelhante de sofrimento foi expresso quando perguntaram a Jesus sobre “os galileus cujo sangue Pilatos misturara com os sacrifícios que os mesmos realizavam” (Lucas 13:1). Queriam ouvir o que Jesus pensava do massacre dos galileus. Quaisquer que tenham sido as intenções dos que lançaram essa pergunta a Jesus, Ele a usou como uma oportunidade para ensinar que o sofrimento e o pecado nem sempre têm uma relação causa — e-efeito; sofrimentos específicos nem sempre têm raízes num pecado específico. Jesus prosseguiu mencionando outro

incidente que trazia à tona a mesma questão. Ele recordou os dezoito que morreram quando a torre de Siloé caiu em cima deles. Será que os pecados deles foram a causa de suas mortes? A seguir, Jesus respondeu a própria pergunta levantada por Ele: “Não eram, eu vo-lo afirmo; mas, se não vos arrependerdes, todos igualmente perecereis” (Lucas 13:5).

Há muitos anos, os rabinos judeus discutiam essa questão entre si. O rabino Ammi dissera: “Não existe morte sem pecado, e não existe sofrimento sem iniquidade”¹. É óbvio que ele, também, acreditava que o sofrimento podia ser explicado pelo pecado.

Inicialmente, esse ponto de vista parece estranho para nós hoje, mas, após um exame, pode ser que venhamos a descobrir que nossas crenças estão mais próximas das crenças dos discípulos do que imaginamos. Conheço pais que perderam tragicamente um filho jovem para uma doença fatal ou um acidente calamitoso. Depois do primeiro impacto, todos atravessaram um prolongado período tentando descobrir o que fizeram de errado para causar a tragédia na vida do filho. Alguns chegaram a ponderar a possibilidade de ser um pecado cometido quando eram jovens, ou um pecado cometido de forma terrível contra Deus, sem que o soubessem. É triste que certos pais nessa situação se torturem com tais pensamentos durante anos. Talvez a pergunta dos discípulos sobre o cego de nascença não seja tão estranha a nós, afinal de contas!

Ainda que nunca tenhamos topado com tragédias devastadoras, às vezes, nossa linguagem denuncia que ainda somos propensos a entender o pecado e o sofrimento como uma relação causa-e-efeito. Quando enfrentamos tribulações ou dificuldades, não perguntamos às vezes: “O que é que eu fiz para merecer isto?” O mesmo raciocínio é demonstrado toda vez que, diante de algo desagradável, protestamos: “Isto não é justo!” Esperamos que tudo na vida seja justo? Acreditamos que coisas agradáveis são sempre o resultado de um bom comportamento e que o sofrimento é sempre resultado do pecado?

Todos nós refazemos a pergunta dos discípulos em certos momentos. Quando nos deparamos

¹Leon Morris, *The Gospel According to John* (“O Evangelho Segundo João”), *The New International Commentary on the New Testament*. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1971, p. 478.

com o sofrimento, nosso ou de outra pessoa, queremos saber por que está acontecendo. O “por quê” do sofrimento nunca foi respondido totalmente nas Escrituras. Embora este seja um fato recorrente, ninguém recebeu uma explicação completa. Jó fez essa pergunta e Deus respondeu dizendo que a resposta estava além de sua capacidade de, como ser humano, compreender (Jó 40; 41). “Eu te conhecia só de ouvir, mas agora os meus olhos te vêem. Por isso, me abomino e me arrependo no pó e na cinza” (Jó 42:5, 6). Habacuque também fez a pergunta, mas nunca recebeu uma resposta. Por fim, resolveu confiar no Senhor mesmo sem compreender totalmente:

Ainda que a figueira não floresça,
nem haja fruto na vide;
o produto da oliveira minta,
e os campos não produzam mantimento;
as ovelhas sejam arrebatadas do aprisco,
e nos currais não haja gado,
todavia, eu me alegro no Senhor,
exulto no Deus da minha salvação.
O Senhor Deus é a minha fortaleza,
e faz os meus pés como os da corça,
e me faz andar altaneiramente
(Habacuque 3:17–19).

Essas pessoas não receberam uma resposta completa ao “por que” do sofrimento, assim como os discípulos de Jesus em João 9 não receberam!

A RESPOSTA (9:3)

Quando Lhe perguntaram por que o mendigo nascera cego, Jesus respondeu: “Nem ele pecou, nem seus pais; mas foi para que se manifestem nele as obras de Deus” (9:3). Perguntaram a Jesus a *causa* do sofrimento humano. Ele Se recusou a responder essa pergunta específica. Talvez por que sejamos incapazes de entender completamente o que Deus nos diria sobre o assunto. Qualquer que seja a razão, Jesus preferiu dizer-lhes qual era o *propósito* do sofrimento humano. Embora Ele não tenha dito aos discípulos por que o homem nasceu cego, Ele disse qual era o propósito da vida daquele cego: “que se manifestem nele as obras de Deus”.

As palavras de Jesus sobre esse assunto colidem com a nossa tendência ao estabelecer as prioridades da vida. A constituição brasileira diz que temos direito à vida, à liberdade e à felicidade. É muito comum as pessoas confundirem isto, entendendo que o propósito da vida é alcançar a felicidade individual. Quando nos

apegamos a essa visão, todo sofrimento é um obstáculo à nossa felicidade e, por isso, é uma coisa terrível. Todavia, se virmos o propósito da vida como “manifestar as obras de Deus”, então veremos nosso sofrimento da mesma maneira como vemos nossas bênçãos: uma forma de glorificar a Deus. Foi essa a mensagem de Jesus aos discípulos. Apesar de não lhes dizer por que o homem era cego de nascença, Jesus lhes disse qual era o propósito da vida do homem cego: glorificar a Deus!

Quando penso naqueles que “manifestaram as obras de Deus” no sofrimento, várias pessoas me vêm à mente. Uma delas é um rapaz que tinha uma capacidade mental limitada. Tenho certeza de que seus pais perguntaram várias vezes a si mesmos e a Deus por que o filho tinha nascido assim. Sempre vou me lembrar da noite do batismo desse rapaz, quando ele respondeu ao convite no final do sermão. Não havia no auditório um só olho sem lágrimas quando ele confessou sua fé em Jesus e disse com uma admirável simplicidade: “Só quero fazer o que Deus quer que eu faça”. Nesse momento, a obra de Deus foi manifestada na vida daquele moço.

Também penso num professor que no final da vida teve uma doença potencialmente terminal. Ele disse à igreja que sua oração a Deus era para ele ficasse curado; mas, se ele não ficasse curado, sua oração era para que Deus o ajudasse a mostrar à igreja como se deve morrer. Poucos meses depois, foi isto o que aconteceu, na sua morte a obra de Deus foi manifestada!

Outro exemplo de alguém que manifestou a obra de Deus no sofrimento é uma mulher cristã que lutou durante anos contra o câncer e, depois, partiu para estar com o Senhor. Muitas vezes, ouço pessoas perguntando: “Por quê?” Retrocedendo aos anos em que ela ficou doente, estou convencido de que ela demonstrou a obra de Deus através de sua doença de um modo que poucas pessoas fazem em bom estado de saúde.

O último exemplo de viver com propósito, naturalmente, é Jesus na cruz. Foi injusto e cruel. Por vários aspectos, foi uma tragédia; embora Jesus tenha sido pendurado numa cruz para que as “obras de Deus se manifestem” na vida e morte dEle. Nunca conheci ninguém que me explicasse por que Jesus teve de sofrer na cruz. Não creio que cheguemos a entender completamente isso enquanto não atingirmos os céus. Até uma criança pequena, porém, pode se admirar com o fato da

obra de Deus ter sido manifestada tão maravilhosamente quando Jesus subiu na cruz. Ele viveu e morreu para os propósitos de Deus.

Todos nós confrontamos fatos que poderiam nos fazer crer que Deus virou as costas para nós e que não podemos ser usados para a glória de Deus. Alguns talvez digam: “Mas eu sou divorciado”; “Tenho dificuldades no meu casamento”; “Tenho problemas com os meus filhos”; “Estou doente”; ou: “Sou velho/jovem demais”. Jesus anda pelo nosso mundo e diz: “Não vou lhe dizer por que você está enfrentando as dificuldades deste momento, mas uma coisa lhe digo: a obra de Deus pode ser manifestada na sua vida apesar dos seus problemas — talvez até por causa dos seus problemas!”

Um exemplo disso é Paulo, que foi atormentado pelo seu conhecido “espinho na carne” (2 Coríntios 12:7). Por três vezes ele pediu ao Senhor que o removesse. Tenho certeza de que Paulo imaginava quantas coisas mais poderia realizar para Deus, se ficasse livre daquela aflição, mas O Senhor recusou-Se a remover o espinho na carne de Paulo. Em vez disso, Deus respondeu-lhe com esta mensagem: “A minha graça te basta, porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza” (2 Coríntios 12:9). Paulo finalmente aceitou a decisão de Deus de que ele poderia demonstrar o poder de Deus melhor através da fraqueza do que através da força e da boa saúde. Nisto, Paulo nos forneceu um modelo para seguirmos ao lidarmos com as aflições. Em primeiro lugar, pedimos que Deus nos livre do sofrimento. Esse é um reflexo humano natural diante do sofrimento, e é certo clamarmos por libertação. O segundo passo para o cristão, porém, é dizer a Deus: “Aconteça o que acontecer, Tu serás glorificado na minha vida, Senhor”. Qualquer que seja a nossa situação, podemos todos ser usados para manifestar a obra de Deus!

Após uma guerra contra o câncer e um dramático retorno ao beisebol, Dave Dravecky sofreu um ferimento que acabou com a sua carreira no principal time de São Francisco. Mais tarde, ele escreveu:

A tragédia nos empurra para uma porta de mão única e, uma vez que passamos por ela, jamais podemos retomar o curso da vida de antes da tragédia... Não podemos voltar atrás, por mais que desejemos isso. Tudo o que podemos fazer é dar graças pelo que tivemos antes, pelo que existiu de bom, pelas horas felizes que tivemos,

pelos risos, pelo amor, pelas lembranças que foram partilhadas conosco. Depois disso, dizendo adeus a essas horas e aos amados, podemos colocar a mão na mão daquele que deu órbita ao sol e à lua e às estrelas, e confiar que ele tem um curso para as nossas vidas também.²

CONCLUSÃO

A pergunta continua no mundo: “A vida tem sentido, ou é tudo um jogo de sorte?” O mundo pode não ter uma resposta para essa pergunta,

mas os seguidores de Jesus têm. Sabemos que aconteça o que acontecer conosco neste mundo, existe a possibilidade disso ser usado para a vivamos de modo que “as obras de Deus sejam manifestadas em nós”!

✠

²Dave Dravecky, *When You Can't Come Back* (“Quando não se Pode Voltar”). Grand Rapids, Mich.: Zondervan, 1992, p. 159.

©Copyright 2004, 2006 by A Verdade para Hoje
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS